



Confessionários e a Experiência de Conversas entre Psicólogos e Pós-Graduandos

Sabrina Oliveira de Figueiredo - sab.figueiredo@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Luana Sodré da Silva Santos - luana.sodre4223@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Mariana Ramos de Melo - mariramos.melo@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Priscilla de Oliveira Martins da Silva - priscillamartinssilva@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

A formação acadêmica de mestrandos e doutorandos tem enfrentado transformações em decorrência do contexto da pandemia da COVID-19. Este resumo expandido trata de um estudo em construção, cujo objetivo geral é desvelar os desafios da formação acadêmica de mestrandos e doutorandos em Administração de uma Instituição de Educação Superior (IES) pública no contexto da pandemia da COVID-19. Como aporte teórico, propomos um diálogo entre as abordagens ergológica e a psicodinâmica do trabalho dejouriana. Em termos metodológicos, o estudo se aproxima de uma pesquisa autoetnográfica, pois é desenvolvida por pesquisadoras diretamente envolvidas na formação, pesquisa e ensino da pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. O percurso autoetnográfico contemplou cerca de 14 meses, entre os anos de 2020 e 2021. Os resultados preliminares do estudo revelam que os desafios dos pós-graduandos em tempos de pandemia estão intrinsecamente relacionados à vida acadêmica, vida profissional e vida pessoal. Além disso, o estudo demonstrou a necessidade de mecanismos de diálogo e encontros virtuais entre pós-graduandos, visando o fortalecimento dos vínculos e o bem-estar dos alunos durante a trajetória da formação.

Palavras-chave: Mestrado. Doutorado. Formação acadêmica. Desafios. Rodas de conversa com psicólogos.

1 Contextualização

O mundo do trabalho vem sofrendo transformações desde o ano de 2020 devido à pandemia da COVID-19. Os impactos são diversos, seja de demissões de recursos humanos, de indução ou aceleração do teletrabalho e do *homeoffice*, dentre outras. Não diferente, as mudanças alcançaram a área acadêmica, tanto o universo dos profissionais docentes, quanto os discentes, o ensino e a pesquisa (Oliveira & Mill, 2020; Silva, Bispo, & Silva, 2020).

No mês em que a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia da COVID-19, em março de 2020, as universidades e institutos de educação pública do país foram aderindo à modalidade de atuação remota (Castioni, Melo, Nascimento, & Ramos, 2021). Diversas são as implicações decorrentes deste tipo de modalidade de trabalho e ensino para a vida dos professores, técnicos, alunos e comunidade acadêmica. Os congressos, seminários e eventos foram e estão sendo marcados por discussões e reflexões envolvendo a “covidização” das pesquisas. Neste presente estudo, tratamos, especificamente, dos impactos do contexto da COVID-19 sobre a formação acadêmica de mestrandos e doutorandos. Consideramos que a formação acadêmica de pós-graduandos é uma atividade de trabalho (Pinzón, Sanchez, Machado, & Oliveira, 2020). Assim como professores doutores, técnicos em educação e outros profissionais do universo acadêmico, mestrandos e doutorandos tiveram suas rotinas transformadas no contexto pandêmico e precisaram/precisam superar desafios da jornada da formação acadêmica.

O objetivo geral que propomos é este: *desvelar os desafios da formação acadêmica de mestrandos e doutorandos em Administração de uma Instituição de Educação Superior (IES) pública no contexto da pandemia da COVID-19*. Trata-se de um estudo em construção, cujo material empírico foi construído até meados do segundo semestre do ano de 2021 e atualmente as pesquisadoras-autoras estão na fase de análise dos dados e discussão dos resultados. Os capítulos seguintes deste resumo expandido contemplam as reflexões teóricas do estudo, os aspectos metodológicos, a descrição dos resultados preliminares, as conclusões e as referências.

2 Reflexões Teóricas: um diálogo entre Ergologia e Psicodinâmica do Trabalho

A Ergologia e a Psicodinâmica do Trabalho são abordagens que fazem parte do rol das Clínicas do Trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011). Apesar das particularidades destas abordagens, as Clínicas do Trabalho possuem em comum o objetivo de compreender as relações entre o trabalho e os processos de subjetivação dos trabalhadores (Bendassolli & Soboll, 2011).

A Ergologia, de origem francesa, instaurada nos anos de 1990, propõe-se a estudar a atividade humana de trabalho (Schwartz, 2016), compreendendo-a não como uma restrita e limitada execução de normas, mas como uma atividade que exige do trabalhador gerir o “vazio de normas”, ou seja, a lacuna ou a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real (Schwartz & Durrive, 2010). Yves Schwartz, precursor da Ergologia, e os estudiosos da abordagem, entendem que o trabalho prescrito (normas antecedentes) não é suficiente para orientar os trabalhadores diante de suas atividades de trabalho (Schwartz, 2016), logo, é necessário renormalizar, quer dizer, antecipar e ajustar o agir humano àquilo que é exigido na situação real de trabalho (Durrive & Schwartz, 2018). Os trabalhadores conseguem renormalizar por meio de arbitragens que realizam segundo seus próprios valores, normas, experiências individuais e coletivas e outros aspectos (Schwartz & Durrive, 2010).

As renormalizações ocorrem tendo como referência o corpo-si (“lugar”) que contempla os saberes, valores, experiências vivenciadas pelos trabalhadores (Schwartz, 2016). Estes saberes, por sinal, podem ser: (1) formais ou técnicos (também chamados de saberes constituídos) e (2) investidos na atividade (“saber-fazer”: é o saber adquirido nas situações de trabalho) (Durrive & Schwartz, 2018). Estes saberes são complementares e se interconectam.

Outro conceito-chave na Ergologia é o uso de si. Enquanto o trabalhador é chamado de “corpo-si”, o trabalho é o “uso de si”. É “uso” porque o trabalhador diante das situações reais de trabalho precisa fazer “uso” de suas capacidades, de seus saberes, para executar (colocar em prática) as tarefas (Durrive & Schwartz, 2018). Este uso de si pode se manifestar de duas formas: “uso de si por si mesmo” e “uso de si pelos outros” (Schwartz & Durrive, 2010).

À luz da Ergologia, a atividade de trabalho é um debate de normas. Ao trabalhador, diante das dramáticas enfrentadas, cabe modificar e/ou criar novas normas, o que o possibilita enfrentar as variabilidades do meio (Schwartz, 2016). É exatamente no corpo-si que reúne seus saberes, experiências, valores, conduzindo-o nas arbitragens necessárias às situações de trabalho. Cabe mencionar que se o meio impuser ao trabalhador o cumprimento de normas, limitando as renormalizações, pode ocorrer disfunções na saúde do trabalhador (Durrive, 2011). Nesse ponto, se insere o diálogo da Ergologia com a Psicodinâmica do Trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho, também de origem francesa, cujo precursor é Christophe Dejours, teve seus primeiros estudos desenvolvidos na década de 1970, e sua principal ênfase é de que há uma centralidade do trabalho na vida do homem (Dejours, 2011). O paralelo que se pode traçar, neste presente estudo, entre as abordagens ergológica e dejouriana é de que, embora a Ergologia não tenha se debruçado sobre aspectos da saúde do trabalhador, ela reconhece que as imposições organizacionais podem ser raízes de sofrimento psíquico do trabalhador (Schwartz, 2014). Para a Ergologia, as renormalizações realizadas pelo trabalhador diante das situações reais de trabalho são, senão, meio para que o trabalho seja realizado, bem como meio para que o trabalhador alcance sua vida e vida com saúde (Schwartz, 2012, 2014).

Sob a ótica da Psicodinâmica, estas imposições organizacionais, também denominadas de constrangimentos, ocasionam “sofrimento no trabalho” (Dejours, 2004, 2011). O sofrimento, que é um estado afetivo, pode ainda levar o trabalhador a ter disfunções como depressão, neuroses, doenças mentais, outras doenças, e até mesmo provocar o suicídio (Dejours, 2011). A organização do trabalho, por sua vez, não é somente fonte de “sofrimento no trabalho”, podendo, também, produzir “prazer no trabalho”. O prazer no trabalho, também é um estado afetivo, em que trabalhadores conseguem alcançar no trabalho vivências que lhes permitem ressignificar o sofrimento e gerar bem-estar (Dejours, 2011). Considera-se que trabalhadores alcançam o estado de prazer a partir da autonomia laboral, reconhecimento no trabalho, identidade profissional, dentre outros aspectos (Dejours, 2007).

E, por que Ergologia e Psicodinâmica do Trabalho? Por considerar a formação acadêmica de mestrandos e doutorandos como uma atividade de trabalho, as reflexões teóricas dessas abordagens são relevantes para o estudo, principalmente, porque o que nos interessa são os aspectos subjetivos do processo de formação acadêmica dos pós-graduandos. O diálogo destas abordagens nos permitirá compreender como mestrandos e doutorandos se depararam com os desafios desta formação tão complexa, notadamente, no período da pandemia; como eles/elas renormalizaram (conceito ergológico) nesse período pandêmico?; quais foram as reações físicas, mentais e psíquicas?; como eles/elas fizeram para enfrentar esses desafios (individuais e coletivos); e tantas outras reflexões e discussões.

3 Aspectos Metodológicos

O estudo reflete as vivências das pesquisadoras-autoras, sendo 03 doutorandas em Administração e uma docente do Programa de Pós-graduação (PPG) em Administração e do PPG em Psicologia na IES foco do estudo. As três doutorandas foram representantes discentes em períodos distintos entre os anos de 2018 e 2021 e todas as pesquisadoras-autoras estiveram diretamente envolvidas no projeto “Confessionários”, idealizado no contexto da COVID-19.

Em se tratando de método, nos aproximamos da realização de uma pesquisa qualitativa autoetnográfica (Adams, Jones, & Ellis, 2015; Araújo & Davel, 2018; Magalhães, 2018), isso porque fizemos parte do contexto e compartilhamos as vivências do fenômeno estudado. Como exigência do método, procedemos a análise reflexiva (Magalhães, 2018), por meio da qual extraímos a descrição e a discussão dos desafios da formação acadêmica na pós-graduação, a

partir das nossas experiências individuais e das experiências coletivas que tivemos com o grupo de mestrandos e doutorandos.

O percurso autoetnográfico compreendeu cerca de 14 meses (março/2020 a maio/2021). Para facilitar a compreensão, listamos alguns principais marcos da pesquisa:

- *Março/2020*: a IES suspendeu as atividades presenciais devido à decretação da pandemia da COVID-19;
- *Abril/2020*: em virtude do isolamento social e da falta dos encontros presenciais na IES, os doutorandos em Administração começaram a se mobilizar em encontros virtuais na plataforma do Google Meet para conversar sobre assuntos diversos – nasceu o projeto “Confessionários”;
- *Novembro/2020*: duas pesquisadoras-autoras participaram de reuniões virtuais de um Grupo de Apoio a Pós-graduandos, capitaneado por alunos da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em que foi possível conhecer experiências de discentes de diferentes PPGs do país, bem como de projetos de apoio a pós-graduandos;
- *Dezembro/2020*: reestruturamos o “Confessionários” e confeccionamos o projeto intitulado “Confessionários: Rodas de Conversa com Psi”, indicando a necessidade de participação de psicólogos nos encontros virtuais com mestrandos e doutorandos;
- *Janeiro/2021*: a IES aprovou o projeto “Confessionários: Rodas de Conversa com Psi”; e,
- *Março a Maio/2021*: execução do projeto “Rodas de Conversa com Psi”.

O material empírico da pesquisa contemplou um diário de campo compartilhado, proveniente dos registros das impressões individuais das pesquisadoras, seja dos encontros e das reuniões virtuais. Em 2020, ocorreram 10 “Confessionários” com duração de cerca de 1 hora cada e em 2021 aconteceram 05 encontros virtuais do “Confessionários: Rodas de Conversa com Psi” com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos cada. Ressalte-se que em todo percurso metodológico, compartilhamos ideias e impressões sobre o andamento do projeto, visando ao aperfeiçoamento e atendimento às necessidades dos pós-graduandos, bem como de fatos e reflexões sobre o contexto que vivenciávamos. Os registros do campo ensejaram as narrativas sobre as vivências. No momento atual do estudo, essas narrativas estão sendo submetidas ao procedimento de análise e, posteriormente, serão discutidas a partir das reflexões teóricas. Dessa forma, a seguir, serão apresentados os resultados preliminares do estudo.

4 Resultados Preliminares

Os resultados preliminares do estudo foram subdivididos dos dois períodos em que o projeto Confessionários foi desenvolvido: “Ano de 2020: Confessionário de Doutorandos” e “Ano 2021: Rodas de Conversa com Psi”.

4.1 Ano 2020: Encontros do Confessionários

Assim que a IES suspendeu as atividades administrativas e acadêmicas por causa da COVID-19, uma série de mudanças ocorreram no âmbito do PPG em Administração: suspensão das aulas presenciais, paralisação das atividades de pesquisa (dissertações e teses), transformação das bancas de qualificação e defesa para a modalidade virtual, e outras. Neste

cenário, nós, doutorandas, decidimos nos encontrar virtualmente para conversar sobre assuntos diversos. Também resolvemos estender o convite para os demais colegas do curso.

Enviamos convites para os encontros por e-mail e por mensagens no grupo dos doutorandos no aplicativo WhatsApp. Espontaneamente nasceu o “Confessionários” (como um espaço virtual, de livre acesso, para conversas, discussões, reflexões, sobre temas diversos). Durante o ano de 2020 também convidamos os mestrandos do PPG, porém a participação nos encontros não era assídua.

Os encontros do Confessionários não tinham pauta pré-programada, o que nos dava liberdade para falar, desabafar e conversar aleatoriamente, sem mediador. Normalmente, os encontros contavam com cerca de 5 ou 6 doutorandos. Em determinados encontros, quando o assunto era de natureza formal, tratando de alguma especificidade da formação acadêmica (exemplo: necessidade de prorrogação de prazo de depósito de projeto de tese), o representante discente que estava *online* assumia a figura de mediador(a).

Sobre a vida *acadêmica*, as conversas virtuais eram atreladas diretamente à situação em que nos encontrávamos, que podem ser traduzidas nas questões: “O PPG irá continuar com as aulas na modalidade virtual? Como ocorrerão as aulas, provas e trabalhos nessa modalidade?”; “Os prazos de qualificação e defesa de tese serão mantidos?”; “Como fazer pesquisa em tempos de pandemia? (não era possível acessar os sujeitos de pesquisa)”; “Como se relacionar com o orientador virtualmente?”; e outras.

Os Confessionários, muitas vezes, serviam como “válvula de escape” diante da insegurança do momento e dos desafios que enfrentávamos. Também serviu como um instrumento em que os representantes discentes puderam se mobilizar coletivamente para conduzir à Coordenação do PPG às necessidades e angústias dos discentes.

Quanto a *vida profissional*, outra pauta aleatória dos nossos encontros, as conversas eram relativas às inconstâncias e insegurança do mercado profissional acadêmico, principalmente com a pandemia. Muitos doutorandos que eram professores em faculdades e outras instituições tiveram suas vidas mudadas com a pandemia, tendo que se adequar ao trabalho *home office*. Os questionamentos eram os seguintes: “Como conduzir o doutorado e a vida profissional em meio a tantas transformações e incertezas? Qual é a prioridade do momento?”.

Também fez parte das nossas reflexões assuntos da *vida pessoal*. Em 2020, nossas principais preocupações referiam-se à saúde física, devido ao contexto da pandemia; no entanto, nos preocupava, de igual maneira, a saúde emocional e mental. O momento era de angústia, ansiedade, medo, falta de perspectiva. Para as doutorandas, especialmente, o cenário era agravante, porque as nossas colegas tinham que lidar com os filhos menores de idade dentro de casa (devido às escolas fechadas), com os afazeres domésticos e com as atividades acadêmicas. As colegas que conseguiam participar dos Confessionários, participavam com as crianças no colo. Para elas, as questões eram as seguintes: “Como compatibilizar cuidado com os filhos e demais atividades do lar com a vida acadêmica em tempos de pandemia?”.

A experiência dos encontros em 2020 foi considerada importante para o coletivo de doutorandos que participou do projeto. Os principais desafios da formação acadêmica no contexto da pandemia puderam ser traduzidos nos seguintes aspectos: vida acadêmica, vida profissional e vida pessoal. Em que pese, tenham fica claro estes aspectos, compreendemos que o grupo precisava de apoio específico para superar e enfrentar os desafios do contexto e da própria formação acadêmica do mestrado e do doutorado. Nesse sentido, fizemos a proposição de reestruturação do projeto, que foi submetido à análise da IES e, posteriormente, foi aprovado. Na próxima subseção, apresentaremos com mais detalhes como ocorreu a continuidade do Confessionários em 2021.

4.2 Ano 2021: Rodas de Conversa com Psi

Os encontros, chamados “Confessionários”, tiveram o acompanhamento de psicólogos da IES durante os meses de março a maio de 2021. Ao longo de 05 encontros os alunos do doutorado e do mestrado foram convidados a participar das rodas de conversa *online*, por meio da plataforma do Google Meet. Para o *primeiro* encontro, as pesquisadoras-discentes mandaram por e-mail um convite à equipe de psicólogos confirmando o dia/horário, junto com o link do encontro no Google Meet. Ao mesmo tempo, enviamos e confirmamos com os alunos do PPG o evento, criando um calendário do Google com a data/horário. No dia, para incentivar e mobilizar a participação de todos, também enviamos o convite pelo WhatsApp (grupo dos doutorandos e mestrandos), destacando que teríamos o início de uma nova etapa do Confessionários com a participação de psicólogos da IES.

Durante o encontro *online*, uma das pesquisadoras-discentes ficou responsável por aceitar a entrada dos participantes, enquanto outra iniciou, dando as boas-vindas, explicando os objetivos, bem como a novidade: o acompanhamento de psicólogos. Logo após, as psicólogas (uma dupla) iniciaram a fala, apresentando o tema proposto para o dia (apresentação em slides, com intervenções dos alunos, aleatoriamente). Neste primeiro encontro a sala virtual chegou a ter 18 integrantes (entre entradas e saídas voluntárias). Apesar da quantidade, poucos alunos se manifestaram oralmente, enquanto alguns preferiram escrever via chat.

A discussão da primeira Roda de Conversa com Psi referiu-se ao “mito” em torno da saúde mental, das fragilidades, das dificuldades em expor sentimentos, problemas, angústias para os outros, e em admitir esses problemas de ordem mental. Após a exposição de um vídeo, que nos levou a refletir como seria falar sobre doenças físicas as mesmas coisas que falamos sobre os transtornos mentais, as psicólogas indicaram como podemos cuidar da nossa saúde mental. Algumas sugestões, como praticar exercícios físicos, manter uma alimentação saudável, dedicar horas ao sono, etc. As profissionais também nos propuseram ouvir os colegas nos Confessionários, de maneira a propiciar a escuta empática, pois segundo elas, a “a escuta é a melhor ajuda”.

Como explicado anteriormente, poucos colegas relataram transtornos mentais decorrentes da pós-graduação durante o encontro. Entre os poucos relatos, foi mencionado a vivência de crises de ansiedade e problemas emocionais em razão das pressões realizadas por familiares ou devido à pressão de estudar e lidar com atividades do lar (principalmente com filhos menores de idade). Os colegas também relataram que durante essas crises sentem falta ou aumento de apetite (depende), dores na coluna, dores de cabeça/enxaqueca, dor de dente, dor nos olhos, dores nas articulações dos membros inferiores.

Outro tema que surgiu durante o encontro foi a procrastinação. Devido à pressão pela produtividade acadêmica (publicar artigos), prazos de entrega de projetos de dissertações/teses e, somando-se a ansiedade e o “bloqueio” para escrever, os alunos não conseguem encontrar saídas para começar. Com isso, o sentimento de culpa só aumenta. As psicólogas nos incentivaram a realizar planejamento de escrita para que os prazos não se sobreponham, além de reforçar que fazer atividade física e/ou ter momentos de lazer melhora o desempenho de nossas atividades acadêmicas.

Ao final deste primeiro encontro, foi encaminhada pelos representantes discentes a sugestão da palestra sobre saúde mental à pesquisadora-docente, coordenadora do PPG em Administração, que atendeu o pedido prontamente. A palestra ocorreu virtualmente durante o Seminário de Integração do PPG 2021 (julho/2021).

A *segunda* Roda de Conversa propôs abordar o seguinte tema: “Como lidar com a falta/pouco apoio do orientador?”. A ideia era conversarmos sobre a relação aluno-orientador. Outro tema do dia que ajudou a guiar as conversas do encontro foi sobre como podemos melhorar nosso grupo de apoio, e minimizar as características do trabalho “isolado” e “individualizado” da pós-graduação. Neste segundo momento, propusemos novas regras para os participantes do encontro a fim de aperfeiçoar o mecanismo: o tempo seria dividido (1) 10 minutos para explicar as regras do Confessionário, como a ordem de falas organizadas via chat do Google Meet; (2) 40 minutos, em que primeiro as psicólogas iniciariam suas exposições, e em seguida os alunos falariam sobre suas experiências com as orientações; (3) e, por fim, nos últimos 10 minutos, os colegas expressariam em uma palavra o que o encontro causou/significou para ele no dia.

Iniciando a Roda de Conversa, estavam presentes 11 integrantes, entre mestrandos, doutorandos e as psicólogas. Como no encontro anterior, tiveram alguns colegas que só quiseram ouvir, principalmente devido ao fato de haver um receio de serem prejudicados ao falarem de seus orientadores. Os colegas que falaram relataram orientações com momentos de pressão por parte dos orientadores, citaram a falta de afinidade com os mesmos (ou com a teoria adotada), e alguns mencionaram a falta de apoio suficiente durante a trajetória do mestrado/doutorado, chegando até mesmo a incompreensão com aspectos da vida privada do orientando, como o cuidado dos filhos, e outros casos.

Foi pacífica a opinião de que, com a pandemia, a relação com os orientadores ficou mais distante (inclusive, uma turma de mestrado/doutorado teve apenas uma semana de aula presencial e todas as demais seguiram na modalidade virtual). As orientações, em termos gerais, na pandemia, se resumem a troca de e-mails e algumas reuniões virtuais. As psicólogas, então, sugeriram algumas estratégias para os pós-graduandos. Para que a relação orientador-aluno se torne possível, é preciso entender que se trata de um encontro entre os diferentes, e é necessário esforço de ambas as partes para encontrar um “ponto de encontro”. É uma relação que deve ser construída, de maneira a manter o diálogo aberto. Ademais, as profissionais enfatizaram que, se não for uma relação saudável e, mesmo após conversar, fazer negociações e tentar alternativas, é necessário tomar a decisão de mudança.

Quanto ao assunto relacionado à melhoria da coletividade dos pós-graduandos, fomos incentivados a permanecer com os Confessionários, fazermos encontros virtuais de estudo e discussão de textos/projetos/pesquisas. Logo após este encontro criamos, então, o grupo “Confraria de alunos”, que se tornou um meio de mapear alianças na pós-graduação, firmar parcerias de estudo e parcerias na produção de artigos.

A *terceira* Roda de Conversa nos levou a refletir sobre o equilíbrio entre vida pessoal e acadêmica em tempos de pandemia. As psicólogas também se prepararam para conversar conosco sobre como lidar com os questionamentos de familiares e amigos durante a escrita. A quantidade de alunos na sala virtual superou o encontro anterior, com 14 integrantes. Inicialmente, as psicólogas ouviram as queixas dos colegas sobre as cobranças familiares e de amigos sobre a vida acadêmica. São momentos de lazer que são abdicados por causa da necessidade de dedicação à leitura e à escrita acadêmica. Os pós-graduandos enfrentam a incompreensão familiar: a pós-graduação não é vista por alguns familiares/amigos como uma atividade de trabalho. Outra queixa envolveu as pós-graduandas que são mães de filhos pequenos que na pandemia se sentiram ainda mais pressionadas, pois antes conseguiam produzir enquanto os filhos estavam na creche/escola. As psicólogas nos sugeriram algumas estratégias diante das dificuldades: mapear as dificuldades mais relevantes, indicar as expectativas e os limites, considerar o contexto vivenciado, avaliar a disponibilidade de tempo e as tarefas, e identificar as redes de apoio (família, amigos, colegas da pós). Também

retornamos à pauta de que é necessário tirarmos momentos para nosso lazer, com família, amigos, e praticar atividade física. Aliás, o “relaxar” é importante para criar, pensar, refletir, distrair (“ócio criativo”).

A *quarta* Roda de Conversa do grupo teve como temática principal a (falta de) perspectiva de atuação na área acadêmica. A nossa aflição girava em torno da seguinte pergunta: “Com o fim da pós-graduação, o que fazer/qual caminho seguir?”. Os 09 integrantes presentes, todos doutorandos, conversaram mais abertamente, como se estivessem entre amigos, abrindo espaço para falas com desabafos e com emoção. Por isso, a roda de conversa acabou “fluindo” para outra temática, diferente da proposta para o dia: reflexões acerca de como podemos produzir melhor academicamente. Alguns colegas relataram que possuem dificuldades em escrever, “travam” na escrita, e não conseguem “sair do lugar”. Outros colegas sugeriram que procurem os grupos de apoio dos alunos para conversar, as redes, as trocas entre colegas, pedindo opinião, trocando textos, pois esses auxílios podem auxiliar na trajetória. Também surgiu a questão da insegurança ao escrever artigos, e nesse aspecto, os colegas falaram que é melhor começar “escrevendo ruim” e depois ir aperfeiçoando.

A *quinta* e última Roda de Conversa contou com 10 integrantes na sala virtual, entre mestrandos, doutorandos e psicólogos. Para esse encontro falamos sobre como produzir sob pressão (como os de prazos, produtividade de texto/artigo/tese). A temática relacionada à pressão pela produtividade acadêmica foi amplamente discutida pelos participantes. Além da pressão dos prazos, alguns destacaram a ansiedade causada pela demora do retorno da submissão dos artigos para os periódicos. Os psicólogos nos ajudaram com reflexões de como podemos lidar com as rejeições/críticas, com os pareceres dos avaliadores, e com essas pressões que nos circundam. Sobre a produção de textos, os profissionais conversaram que escrever é uma arte que não se nasce sabendo, mas se aperfeiçoa ao longo do tempo. É preciso tirarmos o peso de fazermos uma escrita perfeita. E ao longo da trajetória acadêmica podemos nos ajudar com essas estratégias de apoio de grupos. Alguns colegas desabafaram que não se sentem à vontade para compartilhar seus textos com outros, por insegurança, por desconfiança. Então, os psicólogos disseram que podemos encontrar dentro de um grupo, uma ou duas pessoas e a partir desses laços formados podemos fazer trocas.

Em um misto de agradecimentos e saudosismos, no último encontro virtual, em maio/2021, mestrandos e doutorandos expressaram aos psicólogos presentes virtualmente gratidão à equipe de trabalho que participou da execução do projeto “Rodas de Conversa com Psi” - projeto inovador no âmbito da IES.

5 Conclusões

Os resultados preliminares do estudo revelam que os encontros virtuais dos mestrandos e doutorandos durante a pandemia ajudaram no enfrentamento dos desafios impostos pelo momento pandêmico. A atividade de trabalho acadêmica, que é por si só individual e isolada, tornou-se ainda mais dificultosa neste cenário. Os Confessionários se mostraram como um mecanismo eficaz, materializando-se como um espaço de fala e escuta segura. Além disso, o espaço permitiu trocas e mobilizações de cunho político, visando arguições de alunos diante da organização do trabalho (Colegiado do PPG) referente a reivindicações do grupo de pósgraduandos, como por exemplo, solicitações de prorrogação de prazos de depósito de dissertações e teses devido o período de paralisação das atividades acadêmicas, de defesa de prorrogações de bolsas de estudos de alunos, também em razão da paralisação, e outras pautas.

Ergologicamente, os resultados demonstraram que os pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) conseguiram renormalizar (criar e recriar novas normas) e fazer “usos de si” (por

si e pelos outros) (Schwartz, 2016; Schwartz & Durrive, 2010) a partir de trocas coletivas nos momentos dos encontros virtuais: conversando sobre assuntos acadêmicos, temas comuns de pesquisa, revistas/periódicos com potencial de publicação, promovendo apresentações prévias de defesa de qualificação e outros momentos que deixaram a pós-graduação “mais leve”. A força do coletivo de trabalho (o percurso da formação acadêmica na pós-graduação durante a pandemia) ocorreu, notadamente, a partir do “encontro de encontros” (Schwartz & Durrive, 2010) –, neste caso, dos “Confessionários” e da experiência das rodas de conversa com os psicólogos.

É possível mencionar ainda que há um potencial de discussão deste estudo em torno das reflexões teóricas da Psicodinâmica do Trabalho Dejouriana, pois os Confessionários também serviram para contornar o “sofrimento no trabalho” dos pós-graduandos. Diante das pressões e imposições da organização do trabalho, doutorandos e mestrandos conseguiram ressignificar seus “estados afetivos” a partir dos encontros virtuais. Foram momentos de desabaços, exposição sincera de sentimentos, e também de trocas e de apoio profissional psicológico, que nos deram orientações para enfrentar os desafios da formação acadêmica (vida acadêmica, profissional e pessoal) – nos conduziram a (re)encontrar o sentido e a identificação para prosseguir na caminhada do mestrado e do doutorado.

Referências

Adams, T. E., Jones, S. H., & Ellis, C. (2015). *Autoethnography: understanding qualitative research*. Oxford: Oxford University Press.

Araújo, B. C., & Davel, E. (2018, julho). Autoetnografia na pesquisa em Administração: desafios e potencialidades. *Anais do 7o Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa - CIAIQ*, Fortaleza, CE, Brasil.

Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011). Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In Bendassolli, P. F.; Soboll, L. A. P. (Orgs.) *Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.

Castioni, R., Melo, A. A. S. de, Nascimento, P. M., & Ramos, D. L. R. (2021). Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, 29(111), 399-419.

Dejours, C. (2004). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S., & Sznelwar, L. I. (Orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Paralelo 15. 47-104.

Dejours, C. (2007). *O fator Humano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Dejours, C. (2011). Psicopatologia do trabalho: psicodinâmica do trabalho. *Laboreal*, Porto, 7(1), 13-16.

Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(supl. 1), 4767.

Durrive, L., & Schwartz, Y. (2018). Glossário da ergologia. In R. Di Ruzza, M. Lacomblez, & M. Santos (Eds.). *Ergologia, trabalho, desenvolvimentos* (pp. 11-29). Belo Horizonte: Fabrefactum.

Magalhães, C. E. A. (2018). Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como locus de investigação. *Veredas*, 22(1), 16-33.

Oliveira, R. N. de, & Mill, D. (2020). Teletrabalho docente, cultura digital e as transformações na legislação trabalhista. *Trabalho & Educação*, 29(2), 47-60.

Pinzón, J. H., Sanchez, G. M., Machado, W. de L., & Oliveira, M. Z. de. (2020). Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(2), 189-201.

Schwartz, Y. (2016). Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. *ReVEL*, edição especial, 11, 253-264.

Schwartz, Y. (2012). Las dos paradojas de Alain Wisner: antropotecnología y ergología. *Laboreal*, 8(2), 1-27.

Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274.

Schwartz, Y., & Durrive, L. (Orgs.) (2010). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2. ed.). Niterói: Editora da UFF.

Silva, M. G. C., Bispo, A. C. K. A., & Silva, M. D. S. (2020). Aprender em tempos de pandemia: a autorregulação da aprendizagem de mestrandos profissionais em Administração. In *XXIII SemeAD - Seminários em Administração, Anais do XXIII SemeAD*.